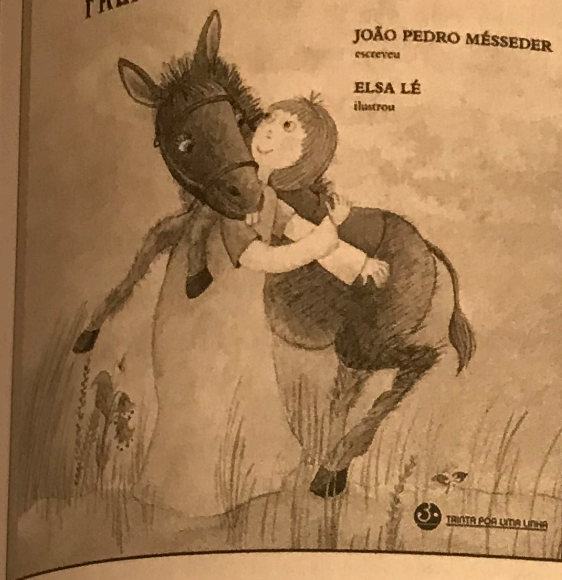


## A HISTÓRIA DE FREI JOÃO DA ESPERANÇA

JOÃO PEDRO MÉSEDER  
escreveu

ELSA LÉ  
ilustrou



### 5.15. Uma peregrinação em clave infanto-juvenil: para uma leitura de *A História de Frei João da Esperança*, de João Pedro Mésseder<sup>68</sup>

Sara Reis da Silva

([orcid.org/0000-0003-0041-728X](https://orcid.org/0000-0003-0041-728X))

(Universidade do Minho)

Ana Margarida Ramos

([orcid.org/0000-0001-5126-4389](https://orcid.org/0000-0001-5126-4389))

(Universidade de Aveiro)

**Resumo:** Analisa-se, neste estudo, *A História de Frei João da Esperança*, escrito por João Pedro Mésseder e ilustrado por Elsa Lé, conto criado, em 2013, tendo por mote um espaço físico e histórico-religioso concreto ou factual, o Mosteiro de S. João Baptista de Tarouca. Com uma ação protagonizada por um jovem desfavorecido, filho de um velho moleiro doente, o relato, pontuado por algumas aventuras, desenvolve-se em torno da viagem entre um moinho ou a casa pater-

68. Il. Elsa Lé, Vila Real: Direcção Regional de Cultura do Norte-SEC/Porto: Trinta por uma Linha, 2013.

na e S. João de Tarouca, ainda em construção. Procura-se interpretar aquilo que motiva e pauta a atuação do futuro noviço, determinando o caminho que percorre e a sua chegada ao destino. Topológica e cronologicamente situada, a história testemunha uma peregrinação ou um trajeto com uma motivação aparentemente extrínseca, mas que vem a revelar-se intrínseca. A viagem física coincide, pois, com uma outra viagem, a de autognose, de conhecimento e maturação individual ou de descoberta de si e dos outros.

**Palavras-chave:** caminho, descoberta, religiosidade, viagem.

**Abstract:** In this study, we will analyse *A História de Frei João da Esperança*, written by João Pedro Mésseder and illustrated by Elsa Lé, a short story created in 2013, with the motto of a concrete or factual physical and historical-religious place, the Monastery of S. João Baptista de Tarouca. With an action carried out by a disadvantaged young man, the son of a sick old miller, the story, punctuated by some adventures, develops around the journey between the mill or the paternal house and S. João de Tarouca, still under construction. The aim is to interpret what motivates and guides the performance of the future novice, determining the path he takes and his arrival at destination. Topologically and chronologically situated, this story witnesses a pilgrimage or journey with an apparently extrinsic motivation, but which turns out to be intrinsic. The physical journey therefore coincides with another journey, that of autognosis, of individual knowledge and maturation or of discovering oneself and the others.

**Keywords:** discovery, path, religiosity, travel.

O conto *A História de Frei João da Esperança*, escrito por João Pedro Mésseder e ilustrado por Elsa Lé, foi criado, em 2013, tendo por mote um espaço físico e histórico-religioso concreto ou factual,

o Mosteiro de S. João Baptista de Tarouca<sup>69</sup>, e no âmbito do Projecto Vale do Varosa, da responsabilidade da Direcção Regional de Cultura do Norte – SEC. Integrado na coleção “Oito por Cordel” da Trinta por uma Linha, compõe uma coleção, com design e paginação de Anabela Dias, que integra também os títulos *O Mosteiro de Santa Maria de Salzedas: as formigas, o gaio e as pedras*, de José Jorge Letria, e *O Anjo do Pintor. O Convento de Santo António de Ferreirim*, de João Manuel Ribeiro.

A narrativa desenvolve-se em torno da viagem de Lourenço, jovem que tenciona entrar como noviço no Mosteiro de S. João de Tarouca. Trata-se, antes de tudo, de uma peregrinação, no sentido etimológico do termo (do latim “per agros”, isto é, pelos campos), e, efetivamente, de um percurso solitário, desencadeado, em primeiro lugar, pelas necessidades ou pela vida precária do protagonista. Lourenço é filho de um moleiro, que se encontra doente. Órfão de mãe, resta-lhe apenas um tio cujo paradeiro desconhece (“Estaria morto ou vivo?” (Mésseder, 2013)). Não são, pois, e na verdade, puras motivações religiosas a determinarem a deslocação de Lourenço, ainda que o desejo expresso por seu pai sugira um certo sentido intelectual e espiritual para a vida a que o filho pode aspirar: “Esperto como és, talvez te tornes um bom monge no futuro (...). É um lugar santo e protegido. Aí podes aprender e ter uma vida digna e de trabalho, longe das vaidades do mundo e das canseiras de uma vida de moleiro. Vais ter de partir.” (*idem, ibidem*).

Ao longo da sua “caminhada” (na verdade, Lourenço segue viagem montado em Torneol, um dos dois burros que o seu pai tinha, (e cujo nome parece inspirado no apelido de um trovador galaico-português), o jovem herói vai-se cruzando com diferentes figuras, no quadro do que poderíamos classificar como um percurso probatório. A primeira personagem que interage com o jovem protagonista era um “tocador” de alaúde que canta uma cantiga (de amor).

69. Este Mosteiro situa-se na encosta da serra de Leomil, sobranceiro ao vale do rio Varosa, na freguesia de S. João de Tarouca, concelho de Tarouca, no distrito de Viseu, em Portugal.

Partilhando com Lourenço um pouco da sua comida e algumas das suas histórias, o jogral tenta convencê-lo a juntarem-se e a viverem uma vida livre, feita de "música, [o] canto, [a] dança" (*idem, ibidem*), de galanteio e de aventura. Para o jovem, a proposta não deixa de ser uma tentação, mas acaba por seguir a razão e continuar viagem, não perdendo de vista o propósito da sua incursão individual. De seguida, encontra-se com quatro viajantes, mercadores (um chefe e três criados) que se dirigiam para a feira de Lamego e que pareciam "calmos e amistosos" (*idem, ibidem*). Também o chefe do grupo, avaliando a boa índole e sagacidade de Lourenço, o convida a juntar-se a eles, dizendo: "Não vos hão de faltar comida, bebida e umas moedas de prata de vem em quando" (*idem, ibidem*). A este convite o futuro monge responde, de igual modo, negativamente, reafirmando a sua convicção em seguir os conselhos paternos. Finalmente, o terceiro encontro, desta vez, com dois ladrões, é marcado pela tensão, pelo medo e pela desconfiança. No entanto, também destes Lourenço recebe o desafio para a eles se associar, porque "há muita riqueza a circular por estes caminhos" (*idem, ibidem*). Ainda na presença destes dois salteadores, o protagonista conhece um "ancião de barbas brancas, hábito de monge a cobrir-lhe o corpo alquebrado e apoiado num bordão. À bandoleira, trazia um saco de tecido grosseiro" (*idem, ibidem*). Chama-se João Chirita, é inspirado numa figura lendária associada à fundação do Mosteiro de Tarouca, e caminha desde S. Cristóvão de Lafões onde iria edificar-se um mosteiro da Ordem de Cister até S. João de Tarouca, para, depois, seguir para o futuro mosteiro de Santa Maria de Salzedas. Contra estes dois malfeitores, Lourenço e o monge têm de se debater e lutar, conseguindo, por fim, fugir. Juntos, com serenidade, acabam por chegar ao lugar destinado à construção do Mosteiro.

As personagens com as quais o protagonista se encontra compõem uma galeria diversa, evidenciando um retrato e/ou um comportamento que "tocam" Lourenço mas que o impelem a uma tomada de decisão, consentânea com os princípios da rectidão, da obediência, do bom senso e do desapego material, aliás, conotados com a pro-

fissão que irá assumir. Observa-se, pois, que este peregrino, como é comum, “não realiza a sua viagem no luxo, mas sim, na pobreza; o que responde à ideia de desprendimento e de despojamento” (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 520), privação que será recompensada no final da viagem ou na concretização dos seus intentos. Nos diálogos, sempre muito vivos, entre o herói e as diversas figuras que percorrem, ainda que parcialmente, o mesmo itinerário revela-se a convicção do peregrino em persistir e em chegar ao destino. Com efeito, as três situações relatadas representam provações que tem de superar ou tentações a que tem de resistir para que, no final, à medida que o destino se aproxima, ou o “lugar sagrado” que deseja atingir (Biedermann, 1994: 299), se sinta, enfim, invadir “por uma serenidade e um alívio que há muito não sentia” (*idem, ibidem*).

Além disso, nos diálogos referidos, como nos vários segmentos descritivos patentes no conto, são assíduas as referências histórico-factuais que contribuem para situar o relato num universo topológico e cronologicamente identificável, designadamente Portugal e o ano de 1156, a formação da nacionalidade e a época medieval, entre outros. Assim, os fios da ficção entrelaçam-se com outros, de índole distinta, marcados pela verdade histórica/epocal. Exemplos do espaço físico, do tempo histórico ou de uma época são, por exemplo, as referências a: D. Afonso Henriques, ao ano de 1156, a S. João de Tarouca e o seu futuro mosteiro, a “D. Teresa Afonso, a viúva de D. Egas Moniz, o antigo aio do príncipe” (*idem, ibidem*) ou à reconquista de terras aos mouros. Note-se, ainda, a presença de vários topónimos que permitem compor uma espécie de geografia breve do percurso não apenas do protagonista, mas também daqueles que se deslocam por Portugal.

De salientar é, ainda, a recriação dos cenários naturalistas percorridos pelo herói, espaços e tempos descritos com particular expressividade a partir da mobilização de um discurso visualista ou sensorial, da adjetivação e da metáfora. A título exemplificativo, veja-se segmentos como: “Mas, de manhã, despertou-o o frio da neblina cujo manto esbranquiçado cobria os campos do vale do rio

Varosa. Um arrepio percorreu-lhe o corpo, no exato instante em que recordou uns fiapos do que tinha sonhado.” (*idem, ibidem*) e “Lourenço não tardou a sentir-se inebriado por aquela espécie de música líquida que, orquestrada com o pipilar incessante dos pássaros, quebrava o silêncio do vale.” (*idem, ibidem*).

As formas verbais actanciais – por exemplo, “ia avançando”, “ia”, “avançar devagar”, “avançou”, “avançou ligeiro”, entre outras – bastante assíduas imprimem um apelativo dinamismo ao relato, aliás, consentâneo, por exemplo, com a ideia de deslocação física que domina o conto.

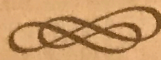
Refira-se, ainda, que, do ponto de vista da configuração ideotemática, prevalecem linhas como a bondade, o altruísmo e o humanismo. Lexemas do campo religioso e/ou cristão (abade, frei, noviço, monge, igreja, mosteiro, Ordem, entre outros) pontuam o discurso e sugerem, ainda, a religiosidade que pauta a ação do protagonista.

Do ponto de vista peritextual, o volume apresenta algumas singularidades merecedoras de referência, designadamente a inclusão, nas guardas iniciais, de duas plantas do Mosteiro de S. João de Tarouca, correspondentes a duas épocas (século XIII e XVIII), bem como, nas guardas finais, da letra da “Canção de Frei João da Esperança”, que surge, ainda, gravada num CD apenso, em português, inglês e francês. A letra da canção é assinada pelo autor do conto, sendo a música “A l’entrada del temps clar [Anónimo occitânico do século XII]”. No volume, é incluído ainda um marcador de livro que integra um pequeno texto informativo sobre a história do mosteiro de Tarouca<sup>70</sup>.

Em conclusão, topológica e cronologicamente situada, a história de Lourenço ou de Frei João da Esperança testemunha uma peregrinação ou um trajeto com uma motivação aparentemente extrínseca, mas que vem a revelar-se intrínseca. A viagem física coincide, pois, com uma outra viagem, a de autognose, de conhecimento e maturação individual ou de descoberta de si e dos outros. O conto lido ficcionaliza,

70. Refira-se que, na altura da edição da obra, foram lançadas também traduções em inglês (*The Story of Friar João da Esperança*) e francês (*L’Histoire de Frère João da Esperança*).

portanto, uma jornada especial, um trajeto pessoal motivado por ou para algo, realizado por alguém que, deixando a segurança da casa paterna e movendo-se para um destino que desconhece, prossegue com a convicção de que o importante é cumprir com o desejo paterno, não defraudar as suas expectativas e, por fim, dedicar-se a uma devoção que lhe proporcionará uma vida melhor. É, por conseguinte, a expectativa, a confiança e, no fundo, a fé que impele Lourenço a tornar-se, enfim, Frei João da Esperança.



## Referências bibliográficas

- Biedermann, Hans** (1994). *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Melhoramentos.
- Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain** (coord.) (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.